

## VERMINOSE PULMONAR DOS SUÍNOS

Derni das Neves Formiga<sup>1</sup>  
Gilbero Brasil Lignon<sup>1</sup>

Os vermes pulmonares dos suínos estão representados por várias espécies de parasitas do gênero *Metastrongylus*, localizando-se mais precisamente nos brônquios e bronquíolos, que uma vez afetados tornam-se obstruídos, interferindo na respiração normal.

Pneumonia, tosse severa, dificuldade respiratória e perda de apetite podem ser evidências desta enfermidade, registrando-se ainda enfraquecimento e falha de crescimento em animais afetados, infecções severas chegam a causar mortes. Além desses efeitos, estes vermes são considerados pertadores de agentes causadores de outras doenças, como o vírus da Influenza e da Peste Suína.

Os hospedeiros intermediários deste parasita são os anelídeos (minhocas) representados por vários gêneros e espécies. Foram encontradas minhocas abrigando mais de 2.000 larvas de *Metastrongylus spp.* que eram viáveis após quatro anos.

Os animais normalmente se infectam pela ingestão das larvas liberadas pela ruptura da minhoca, durante o ato de fuçar dos suínos, ou sua própria ingestão quando contaminada. Os suínos novos são mais suscetíveis a doença e um animal infectado pode reter a infecção por vários meses e continuar a contaminar o meio ambiente.

Dado o desconhecimento da frequência destes vermes em suínos, para esta região, efetuou-se um levantamento nos registros dos animais abatidos pertencentes a Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal, localizados em Concórdia, objetivando conhecer o percentual de ocorrência nos períodos de 1976 a 1980, bem como as espécies envolvidas.

Os resultados mostraram que o percentual médio de animais infectados foi de 0,42%, identificando-se as espécies de *Metastrongylus apri*, *M. salmi* e *M. pudendotectus*. Existem registros de taxas mais elevadas para outros estados, Minas Gerais (1946), Paraná (1950) e Bahia (1965), respectivamente com 88,6%, 67,27% e 43,55%, sendo o menor de 33,3% para o Rio de Janeiro.

Alguns anos atrás a verminose pulmonar dos suínos era uma enfermidade bastante comum no nosso meio, porém, os percentuais encontrados neste trabalho são considerados baixos, não evidenciando níveis alarmantes da doença. Isto provavelmente se deva a evolução da tecnologia utilizada hoje na suinocultura da região, onde os animais são criados mais confinados, pois evitando o contacto do suíno com a minhoca, impede-se que o verme complete seu ciclo biológico.

As espécies do gênero *Metastrongylus* identificadas neste trabalho já foram, isoladamente ou em conjunto, assinaladas nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe, Piauí, Pará.

<sup>1</sup>Méd. Vet., M. Sc., EMBRAPA–CNPSA

## Diagnóstico

O diagnóstico desta enfermidade não é fácil, em virtude da falta de sinais clínicos característicos e da existência de outras doenças causadoras de tosse.

Entre outras técnicas de exames fecais, o método de flutuação é efetivo para detectar ovos nas fezes quando se utiliza solução saturada de cloreto de sódio ou sulfato de magnésio. Entretanto, o melhor diagnóstico de infecção do rebanho é obtido através da necrópsia, pela presença do verme e lesões características no pulmão. Um acurada diferenciação de lesões por outras causas, é seguramente obtida nos exames histológicos.

## Tratamento e Controle

- O levamisol é um princípio ativo bastante efetivo para o tratamento de suínos infectados com vermes pulmonares.

- O princípio básico do controle da metastrongilose suína está em impedir que o animal entre em contato com o hospedeiro intermediário (minhoca).

- Em caso de infecções maciças, recomenda-se além de tratar os animais, removê-los para locais limpos e secos, preferencialmente com piso de concreto.

- Dado a utilização de piquetes para reprodutores e uma vez comprovada a existência do verme, recomenda-se tratar sistematicamente estes animais, se possível com troca de piquetes.

- Em criações suspeitas deve-se realizar exames fecais periodicamente, inclusive dos animais que irão incorporar o rebanho.

- Evitar o agrupamento de animais jovens e adultos.

- Manter os suínos em solo seco ou de concreto, dando destino adequado aos excrementos de modo a não disseminar a infecção.

- Piquetes onde estavam animais com a doença podem permanecer infectados por tempo considerável, uma vez que o estágio intermediário do parasita pode viver na minhoca por longo tempo.